

EDITORIAL

## A febre da pressa

**Alexandre Pelegi**  
*Editor*



Há uma novidade no ar. Na verdade, ela sempre esteve aí, e agora passou a ganhar a dimensão e a atenção que sempre mereceu. Referimo-nos ao modo mais antigo de transporte da humanidade: os pés.

Caminhar é um ato natural, intrínseco à vida dos humanos e, talvez por isso, com o avanço da ciência e o desenvolvimento de novas tecnologias, tenha sido guindado à condição de “modo arcaico”: menos digno, condenável do ponto de vista social, incompatível com o avanço da humanidade.

O homem inventou máquinas modernas para se permitir não só andar mais rápido, como chegar mais longe em menos tempo e ainda com direito ao bônus fantástico de não precisar fazer força. E o avanço da tecnologia se deu em sentido contrário à valorização da locomoção por modos naturais: caminhar e andar de bicicleta para se movimentar nas cidades passaram a ser vistos como sinal de atraso social. Indo direto ao ponto: coisa de pobre.

Se podíamos chegar mais rápido e mais longe, por que não espalhar as cidades? Se pouco andamos a pé, para que se preocupar com calçadas? Por que não aumentar as ruas? O homem trocou os pés pelas rodas, a calma pela pressa, o perto pelo distante.

Nelson Rodrigues dizia que a velocidade é um prazer de cretinos. “Ainda conservo o deleite dos bondes que não chegam nunca”, dizia ele. Fernando Pessoa traçou outro diagnóstico para um problema que não é recente: “Movemo-nos muito rapidamente de um ponto onde nada se faz para outro onde não há nada que fazer, e chamamos a isto a pressa febril da vida moderna. Não é a febre da pressa, mas sim a



[www.antp.org.br](http://www.antp.org.br)

pressa da febre. A vida moderna é um lazer agitado, uma fuga ao movimento ordenado por meio da agitação”.

Vivemos no mundo da velocidade e, além de filhos, nos tornamos escravos da pressa. Pior: nos tornamos doentes. Três em cada dez trabalhadores sofrem da chamada “doença da pressa”. Pessoas que se tornam agressivas se o carro começa a andar mais devagar. São os tocadores de buzinas, os alucinados que não admitem a lentidão como obstáculo em seu caminho.

O preço do sucesso começa a sair caro demais. Contraímos doenças que jamais teríamos, e quedamos na dúvida existencial que nos move à vida: a pressa vale a pena? Por que corremos tanto, aonde a pressa nos conduzirá?

É quando o bicho-homem começa a sentir saudade de uma letargia que desconhece como se quisesse andar num bonde que jamais viu. Esta metáfora de Nelson Rodrigues para se contrapor à velocidade dos cretinos é o *insight* que nos permite ver de perto, enxergar nosso próximo em sua essência. E nos descobrir como seres inteligentes. Andar a pé se contrapõe às doenças da vida moderna.

É quando começamos a perceber como, historicamente, temos banalizado situações que, agora, percebemos serem inaceitáveis à vida urbana: calçadas estreitas, calçadas esburacadas, calçadas inexistentes; a insuficiência de caminhos para o andar a pé conflitando com a generosa oferta de espaços para o automóvel; a injusta divisão do espaço que se reflete no tempo alongado das travessias dos cruzamentos, impondo o sacrifício de longas esperas aos caminhantes.

Redescobrir o natural modo de se locomover nos leva a questionar as cidades que permitimos construir. E o que até recentemente era um ato prosaico tornou-se uma ferramenta de questionamento. O homem quer repensar suas cidades e sua melhor e mais inteligente arma são os seus pés. São eles que definem os caminhos e os espaços urbanos. São através deles que repensaremos nossas cidades e construiremos novos caminhos.

Realizamos no mês de novembro o Seminário Internacional Cidades a Pé, com apoio do Banco Mundial, iniciativa da Comissão Técnica Mobilidade a Pé e Acessibilidade. A ANTP, na vanguarda dos principais temas da mobilidade urbana, mais uma vez busca respostas técnicas para as grandes questões de locomoção nas cidades.